



ARTIGO/DOSSIÊ

STORYTELLING NO DESENVOLVIMENTO DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA PROPOSTA DE INOVAÇÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL

JÉSSICA JERLANE F. DA SILVA BARRETO
CÉLIA MARIA DE ARAÚJO

Jéssica Jerlane F. da Silva Barreto

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em *Inovação em Tecnologias Educacionais*, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Atua na Linha de Pesquisa Práticas com Tecnologias Educacionais – PPGITE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9982519862563083>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0007-8638-6117>.

E-mail: 00jessicasilva@gmail.com.

Célia Maria de Araújo

Doutora em Educação e Tecnologia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Professora do Programa de Pós-Graduação em *Inovação em Tecnologias Educacionais* da Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Atua na Linha de Pesquisa Práticas com Tecnologias Educacionais – PPGITE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4186592914396319>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3225-6978>.

E-mail: celyaraujo13@gmail.com.

Resumo: Um dos grandes desafios da educação é conseguir motivar a leitura e desenvolver a escrita nos estudantes. Nesse sentido, faz-se necessário desenvolver metodologias que possam ajudar a melhorar os índices de leitura e escrita. Dessa maneira, este artigo apresenta uma proposta metodológica inovadora de storytelling, a arte de contar histórias. O objetivo geral é explorar o potencial das técnicas de storytelling para estimular a criatividade e a imaginação dos alunos, por meio de uma oficina, com o intuito de facilitar a criação autoral de narrativas e o desenvolvimento das habilidades de escrita. Este trabalho caracteriza a estrutura da oficina, evidenciando cada encontro proposto nela com os objetivos do conhecimento, suas intenções e a forma de avaliação. Para a construção da base teórica, o artigo discute também o ensino de língua portuguesa no Brasil e as metodologias ativas, em especial o storytelling. Por fim, esta proposta pretende contribuir com a melhora das habilidades de leitura e de escrita no ensino de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, a partir do uso de storytelling, por meio de uma metodologia inovadora que possa inspirar outros professores.

Palavras-chave: Storytelling. Leitura. Escrita. Metodologias Ativas. Ensino Fundamental.

Abstract: One of the great challenges of education is being able to motivate reading and develop writing skills in students. In this sense, it is necessary to develop methodologies that can help improve reading and writing rates. In this way, this article presents an innovative methodological proposal for storytelling, the art of telling stories. The general objective is to explore the potential of storytelling techniques to stimulate students' creativity and imagination, through a workshop, with the aim of facilitating the authorial creation of narratives and the development of writing skills. This work characterizes the structure of the workshop, highlighting each meeting proposed in it with the objectives of knowledge, its intentions and the form of evaluation. To build the theoretical basis, the article

also discusses Portuguese language teaching in Brazil and active methodologies, especially storytelling. Finally, this proposal aims to contribute to the improvement of reading and writing skills in teaching Portuguese in Elementary School, through the use of storytelling, through an innovative methodology that can inspire other teachers.

Keywords: Storytelling. Reading. Writing. Active Methodologies. Elementary Education.

INTRODUÇÃO

A capacidade de leitura desempenha um papel importante no avanço intelectual, cultural e social de uma sociedade. No entanto, a lacuna na prática da leitura e, consequentemente, na habilidade de escrita, tem sido um desafio persistente no contexto brasileiro, afetando várias esferas da sociedade e exercendo efeitos negativos na educação, economia e na formação cidadã. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2022, a taxa de analfabetismo entre pessoas com 15 anos ou mais estava em 5,6%. Embora esse índice tenha registrado uma redução em relação a 2019, quando estava em 6,1%, representando uma diminuição de mais de 490 mil analfabetos, ainda é uma cifra considerável. Somada a essa realidade, há o desafio do analfabetismo funcional; o simples fato de decodificar o idioma não garante a efetiva compreensão da leitura. Essa realidade se evidencia frequentemente em ambiente escolar, especialmente quando os alunos são confrontados com instruções escritas ou durante os dias de avaliação, nos quais muitos deles não conseguem compreender as questões apresentadas.

São diversas as causas que contribuem para essa deficiência. A desigualdade social é uma delas, dificultando o acesso à leitura,

especialmente para famílias de baixa renda, que raramente têm recursos para adquirir livros ou acessar bibliotecas bem equipadas, além de enfrentarem limitações no acesso a livros digitais. A infraestrutura educacional precária também desempenha um papel significativo, com muitas escolas públicas no país não possuindo bibliotecas adequadas ou recursos financeiros para a aquisição de livros, além da escassez de programas de estímulo à leitura. A falta de incentivo familiar é outro fator relevante, com muitos lares brasileiros não cultivando o hábito da leitura devido a diversos motivos, como a falta de tempo dos pais, a ausência de instrução ou a indisponibilidade de livros.

Esses são apenas alguns exemplos, mas suas consequências são abrangentes. Os alunos frequentemente apresentam baixo nível de leitura e dificuldades de escrita em todas as disciplinas, uma vez que a leitura é uma habilidade transversal. Isso resulta em limitações na formação cidadã, prejudicando o desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e da capacidade de reflexão sobre questões sociais. Sem essas habilidades, os cidadãos podem não se engajar em assuntos que afetam suas comunidades e podem até mesmo negligenciar a busca por informações sobre tais assuntos. A falta de habilidades de leitura e de escrita podem restringir as oportunidades de emprego e de crescimento profissional, uma vez que a compreensão, interpretação, produção de textos e comunicação eficaz são fundamentais em muitas profissões.

Focando especificamente nos adolescentes, é importante notar que eles fazem parte de uma geração caracterizada pela busca por instantaneidade e pela dificuldade no desenvolvimento de pensamento crítico.

O uso excessivo de dispositivos móveis conectados a mídias digitais e jogos eletrônicos também interfere nesse cenário. A prevalência dessas tecnologias de forma exagerada pode motivar a falta de interesse pela leitura, especialmente de textos longos, uma vez que os programas digitais mais usados por eles oferecem gratificações imediatas em um formato altamente visual e estimulante. No entanto, é relevante observar que alguns adolescentes realmente utilizam dispositivos eletrônicos para leitura, já que o formato digital tem se adaptado às preferências contemporâneas. No entanto, aqueles que optam pelos dispositivos eletrônicos tendem a ler menos e mais lentamente em comparação com a leitura de livros físicos. Isso pode ser atribuído, em parte, à quantidade de distrações que esses dispositivos oferecem durante a leitura, dificultando a concentração do leitor.

Portanto, é essencial promover a valorização da leitura em formato físico e incentivar o uso de espaços como bibliotecas e, ao mesmo tempo, é importante desenvolver estratégias que minimizem as distrações e promovam a concentração ao utilizar dispositivos eletrônicos para leitura. Desse modo, reconhecendo a importância das demandas contemporâneas de uma sociedade digitalmente conectada, é necessário encontrar um equilíbrio entre aproveitar as vantagens dos meios digitais e preservar o valor da experiência de leitura tradicional.

Dessa forma, propõe-se neste artigo uma metodologia inovadora para estimular melhores práticas de leitura e de escrita entre adolescentes, utilizando contribuições do storytelling. O objetivo geral é explorar o potencial das técnicas de storytelling para estimular a criatividade e a imaginação dos alunos por meio de

uma oficina, com o intuito de facilitar a criação autoral de narrativas e o desenvolvimento das habilidades de escrita. A construção da oficina foi delineada tendo em vista a crescente dificuldade no desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita entre os alunos da educação básica. A constatação dessa preocupação foi reforçada por pesquisas nacionais, como a pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto Pró Livro e o Itaú Cultural, que evidenciaram uma diminuição significativa no número de leitores, especialmente entre os adolescentes. Essa constatação gerou um senso de urgência e responsabilidade em encontrar soluções inovadoras para amenizar esse problema.

A seguir será exposto sobre o ensino de língua portuguesa no Brasil: leitura e escrita; metodologias ativas, em especial, o storytelling; a proposta de desenvolvimento da oficina e a metodologia; os resultados esperados e as considerações.

ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: LEITURA E ESCRITA

O ensino de língua portuguesa é base fundamental da educação brasileira, sendo responsável por promover o desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita dos estudantes. Ao longo das últimas décadas, essa área tem passado por significativas transformações, impulsionadas por avanços tecnológicos, mudanças sociais e novas abordagens pedagógicas.

Realizando uma retomada histórica, compreende-se que inicialmente a ênfase estava na gramática normativa e na memorização de regras, privilegiando uma abordagem mais tradicional e centrada no ensino do código linguístico. No entanto, essa abordagem mostrou-se limitada para promover a fluência na

leitura e na escrita, além de negligenciar as práticas de letramento que são essenciais para a participação social e cidadã dos indivíduos. Antunes (2007) afirma que a língua é parte dos seres humanos, de sua identidade cultural, histórica e social, desse modo, uma aprendizagem baseada rigidamente em regras não impulsiona a valorização desses elementos sociais.

Com o passar do tempo, houve uma transição gradual para abordagens mais comunicativas e centradas no aluno, que reconhecem a importância do contexto social e cultural na construção do conhecimento linguístico. As teorias sociointeracionistas, como a de Vygotsky, influenciaram significativamente essa mudança de paradigma, destacando a importância da interação social e do uso da linguagem em situações reais de comunicação. Assim, consoante Vygotsky (2008), as interações sociais possibilitam o desenvolvimento cognitivo, isto é, o ser humano é um sujeito interativo que desenvolve suas funções mentais por meio das interações que realiza com o ambiente e com as pessoas.

Além disso, as políticas educacionais também desempenharam um papel importante na evolução do ensino de língua portuguesa, com a implementação de diretrizes curriculares mais flexíveis e a valorização de práticas pedagógicas mais dinâmicas e contextualizadas. No entanto, apesar desses avanços, ainda persistem desafios relacionados à formação docente, infraestrutura escolar e acesso a materiais didáticos adequados.

No contexto atual, o ensino de leitura e escrita no Brasil enfrenta uma série de desafios que comprometem a qualidade da educação oferecida nas escolas. Um dos principais problemas é o baixo índice de proficiência dos alunos nessas habilidades, conforme evidenciado

pelos resultados de avaliações nacionais e internacionais, como o PISA 2022 (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes).

Ademais, as desigualdades sociais e educacionais exacerbadas pela falta de acesso a recursos e oportunidades adequadas também impactam negativamente o desenvolvimento dessas habilidades. Estudantes de comunidades mais vulneráveis tendem a enfrentar mais dificuldades em acompanhar o currículo escolar e desenvolver competências linguísticas sólidas.

Outro desafio significativo é o engajamento dos alunos com os textos. Muitas vezes, as práticas de leitura e escrita são percebidas como desinteressantes e distantes da realidade dos estudantes, o que contribui para a falta de motivação e interesse em desenvolver essas habilidades. Nesse sentido, é essencial repensar as estratégias de ensino e buscar formas de tornar a aprendizagem mais significativa e envolvente para os alunos. Considerando a estrutura do ensino de leitura e escrita nas escolas brasileiras, é possível perceber que ela é influenciada por uma série de fatores, incluindo as diretrizes curriculares nacionais, os recursos disponíveis e as práticas pedagógicas adotadas pelos professores.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), em 1995, por exemplo, já defendiam o ensino de Língua Portuguesa como meio de levar o aluno ao domínio total e efetivo do uso da linguagem oral e da linguagem escrita, buscando romper com a ideologia fortemente tradicional que impregnara o ensino de Língua Materna. Hoje, o currículo de língua portuguesa geralmente inclui uma variedade de gêneros textuais, como narrativos, descritivos, argumentativos e poéticos, com o objetivo de desenvolver diferentes competências linguísticas e discursivas dos alunos. Contudo, a efetiva implementação

dessas diretrizes pode variar significativamente de escola para escola, dependendo de diversos fatores, como formação docente, infraestrutura e apoio institucional.

Levando-se em consideração a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual representa um marco significativo no cenário educacional brasileiro, fornecendo diretrizes claras para o ensino e aprendizado em todas as etapas da educação básica, ela reconhece a importância das habilidades de leitura e escrita ao estabelecer diretrizes claras para seu ensino e aprendizado no Ensino Fundamental. A BNCC define competências específicas relacionadas à leitura e escrita para cada ano do Ensino Fundamental, delineando as habilidades que os alunos devem desenvolver ao longo de sua trajetória escolar. Essas competências incluem a compreensão e interpretação de textos de diferentes gêneros, a produção de textos escritos coerentes e coesos, o desenvolvimento do vocabulário e da gramática, entre outras (BRASIL, 2017). Ao estabelecer essas competências, ela busca fornecer uma estrutura clara e abrangente para o ensino de leitura e escrita, promovendo uma progressão contínua e cumulativa no desenvolvimento dessas habilidades.

No entanto, vale ressaltar que, em relação ao ensino de língua portuguesa, especificamente, muitas vezes, ele não prioriza a leitura e a participação ativa dos alunos na comunicação em sala de aula. Nesse contexto, é comum a leitura ser reduzida a uma atividade mecânica de decodificação de palavras, desvinculada de seu contexto e significado (ANTUNES, 2007). Da mesma forma, a comunicação oral pode ser negligenciada, limitando-se a exercícios de repetição e memorização sem oportunidades reais de interação e expressão. Com isso, os estudantes tendem a se sentir desmotivados

e pouco engajados com as atividades propostas, pois não conseguem perceber a relevância e o significado das habilidades linguísticas que estão sendo desenvolvidas.

Além disso, ao não enfatizar a leitura como uma prática fundamental para o desenvolvimento da compreensão de mundo, da reflexão crítica e da formação de identidade, esse tipo de abordagem contribui para a perpetuação de uma cultura de analfabetismo funcional, em que os alunos são capazes de decifrar textos, mas têm dificuldades em compreender e interpretar seu conteúdo.

Ademais, Segundo Koch e Elias (2018), o leitor é parte constitutiva da produção escrita, além de escrever para o leitor, ele escreve com o leitor, o qual influencia nas escolhas a serem feitas por quem escreve. Assim, a falta de oportunidades para a participação ativa dos alunos na comunicação oral também limita o desenvolvimento de habilidades linguísticas essenciais, como a expressão de ideias, a argumentação e a negociação de significados, seja por meio da oralidade seja por meio da escrita. A comunicação é uma competência fundamental para a interação social e o exercício da cidadania, e sua negligência no contexto educacional pode privar os alunos de importantes oportunidades de desenvolvimento pessoal e acadêmico.

Portanto, é fundamental repensar as práticas de ensino de língua portuguesa, valorizando a leitura como uma atividade significativa e promovendo a participação ativa dos alunos na comunicação oral. Estratégias pedagógicas que privilegiem a interação, a reflexão e a construção coletiva do conhecimento são essenciais para garantir uma educação linguística mais rica, inclusiva e eficaz. Nessa perspectiva, o papel do professor é fundamental no processo de ensino e

aprendizagem de leitura e escrita. Cabe a ele selecionar e adaptar estratégias pedagógicas adequadas às necessidades e características de seus alunos.

METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM: O STORYTELLING EM SALA DE AULA

Muito se houve falar, ainda não o suficiente, acerca das metodologias ativas de aprendizagem, porém, pouco se tem aplicado em sala de aula, no Ensino Fundamental, principalmente. As metodologias ativas surgem com propostas que não colocam mais os estudantes na condição de passivos e isso se relaciona com os estudos de Paulo Freire (1989) o qual afirmava que os estudantes são possuidores de conhecimentos e de experiências que constroem seus repertórios.

Assim, consoante Tajra *et al.* (2021), as metodologias ativas são estratégias educativas as quais colocam os alunos em um local central nos processos de ensino e aprendizagem. Isto é, com as metodologias ativas, os estudantes desenvolvem ações práticas. “As metodologias ativas dão ênfase ao papel protagonista do aluno, ao ser desenvolvimento direto, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo experimentado, desenhado, criado, com orientação do professor” (MORAN, 2018, p. 4).

Nesse sentido, essas metodologias têm ganhado destaque como uma abordagem eficaz para promover a aprendizagem significativa e o desenvolvimento de habilidades cognitivas e socioemocionais. Além de estimular o envolvimento dos alunos e contribuir para o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, criatividade, comunicação e colaboração, que são essenciais para o sucesso acadêmico e profissional.

Ao contrário das abordagens tradicionais, que privilegiam a transmissão de conhecimento de forma passiva, elas enfatizam a importância do aprendizado baseado em problemas, projetos, estudos de caso e outras situações autênticas que promovem a aplicação prática do conhecimento. Dessa forma, no contexto do ensino de leitura e de escrita, as metodologias ativas podem ser aplicadas por meio de atividades como discussões em grupo, projetos de escrita colaborativa, análise de textos autênticos e produção de material multimídia. Desse modo, escolheu-se a metodologia ativa storytelling como tema central deste estudo.

O storytelling, ou a arte de contar histórias, tem desempenhado um papel fundamental na experiência humana ao longo dos tempos. Desde as pinturas rupestres, as quais já evidenciavam a necessidade do ser humano de se expressar, até os dias atuais, a ação de contar histórias tem sido uma constante no desenvolvimento da humanidade (LANDRUM; MCCARTHY; BRAKKE, 2019). É interessante destacar que essa prática não é algo novo, remontando a períodos muito anteriores ao desenvolvimento da escrita. No contexto educacional contemporâneo, o storytelling emerge como uma metodologia pedagógica capaz de envolver os alunos, estimular a imaginação, facilitar a compreensão e promover conhecimento de forma consistente (LANDRUM; MCCARTHY; BRAKKE, 2019; THORSTEN, 2019).

Quando aplicado de maneira coesa e relevante para a realidade dos alunos, o storytelling pode provocar transformações significativas no processo de ensino. Segundo Jenkins (2010), o storytelling envolve a utilização coordenada e sistemática de elementos integrais para criar uma experiência unificada. Tradicionalmente associado à

transmissão oral de informações ao longo das gerações por meio de narrativas, desse modo, entende-se que o storytelling tem o potencial de envolver os alunos de maneira participativa e pode promover a aprendizagem por meio da imersão na história. Dessa forma, suas técnicas podem permitir que os alunos contextualizem conceitos, melhorem o foco e o interesse nas aulas, desenvolvam a criatividade, ampliem a imaginação, pratiquem a argumentação baseada em fatos, estabeleçam conexões entre seus repertórios e a realidade e expressem seus pontos de vista de maneira organizada.

Nessa perspectiva, o storytelling está em sintonia com os estudos analisados e defendidos por Relvas (2012), os quais destacam que os estudantes, especialmente crianças e adolescentes, têm um tempo limitado de concentração durante explicações de conteúdo. Quando são desafiados a criar suas próprias histórias e, em vez de apenas receber informações, são incentivados a produzir o conteúdo da aula, a atenção e o aprendizado tornam-se mais engajados e significativos, com menor probabilidade de serem rapidamente esquecidos.

Nesse contexto, as histórias estimulam diversas áreas do cérebro, uma vez que o órgão responsável pela aprendizagem está intrinsecamente ligado ao processamento de sequenciamento e narrativas (EDIFY, 2019). Levando isso em consideração, essa metodologia emerge como uma aliada para promover mudanças significativas no desenvolvimento da leitura e, por consequência, da escrita dos estudantes da educação básica.

De acordo com Bruner (1991), as narrativas fornecem uma estrutura cognitiva que auxilia os alunos na organização e compreensão de informações complexas. Ao envolvê-los em histórias, cria-se um ambiente de aprendizagem participativa, no

qual eles se tornam parte integrante da narrativa, facilitando assim a construção de significados (AUSUBEL, 2003). Durante o processo de contar e ouvir histórias, os alunos são incentivados a refletir sobre os temas apresentados, promovendo uma compreensão mais profunda. Essa abordagem torna-se ainda mais eficaz quando as histórias estão diretamente relacionadas às experiências vividas pelos alunos, garantindo que as narrativas façam sentido para eles. Dessa forma, quando os alunos percebem que já utilizam o storytelling em suas vidas diárias e começam a associá-lo aos estudos e às intenções comunicativas dos discursos que constroem, seja oralmente seja por escrito, isso se torna um fator motivador para a melhoria de suas habilidades de escrita e oralidade.

O storytelling também desempenha um papel importante no desenvolvimento das habilidades sociais e emocionais dos alunos. Ao compartilharem suas próprias histórias, os alunos aprimoram suas habilidades de comunicação verbal e não verbal, habilidades essenciais para o sucesso, tanto na vida pessoal quanto profissional. Além disso, com o advento das tecnologias digitais, a contação de histórias se expandiu para novas mídias, como animações, vídeos interativos e realidade virtual.

Nessa lógica, é importante explorar a integração dessas tecnologias no ensino por meio do storytelling digital, oferecendo experiências imersivas e interativas que capturam a atenção dos alunos e promovem o aprendizado colaborativo. Seguindo essa linha de raciocínio, esta proposição pretende associar a metodologia a tecnologias digitais que permitam aos estudantes darem vida às suas narrativas, com a produção de vídeos animados, por exemplo.

METODOLOGIA

A caracterização do método de pesquisa deste trabalho envolve a pesquisa-ação, seguindo os procedimentos de Thiollent (2011) acerca da metodologia da pesquisa-ação, corroborando com apontamentos pedagógicos na área da pesquisa-ação (FRANCO, 2005) e uso de metodologias ativas educacionais (MORAN, 2013; MOYA, 2017; FIDALGO-BLANCO; SEIN-ECHALUE; GARCÍA-PEÑALVO, 2019), em especial o uso de Storytelling (VAN GILS, 2005; JENKINS, 2010; SCOLARI, 2013) no âmbito da educação.

No entanto, neste artigo, pretende-se apresentar, especificamente, a proposta de oficina pensada para ser aplicada no estudo, como uma forma de inspirar outros professores a pensarem em ações inovadoras para suas salas de aulas e também como uma sugestão de uso da proposta expressa aqui com a metodologia storytelling.

A OFICINA

A proposta da oficina está estruturada em quatro encontros, cada um com duração de uma hora e meia, organizados como:

- 1º encontro: Uma dose de storytelling;
- 2º encontro: Nós e nossos repertórios;
- 3º encontro: Nossas ideias;
- 4º encontro: Histórias, nossas histórias.

Todos os objetos de conhecimentos da oficina são fundamentados nas diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) definidas para o Ensino Fundamental, Anos Finais, considerando o campo de estudo “Campo de atuação na vida pública”, indicado pela base como o campo de estudo que desenvolve a condição de se conhecer acerca

dos fatos do mundo e opinar sobre eles, de poder propor pautas de discussão e soluções de problemas, como forma de vislumbrar formas de atuação na vida pública.

Associadas ao campo de estudo, estão as competências 1, 2, 3, 6, 7 e 10, específicas de Língua Portuguesa para essa etapa de ensino, a saber:

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.

10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (BRASIL, 2017).

Os recursos didáticos escolhidos previamente para o desenvolvimento da oficina são slides para apresentação da proposta; questionários produzidos no Google Forms; material desplugado (papel, caneta, lápis); textos impressos; computadores — disponíveis no laboratório de informática da escola; smartphones.

A avaliação será realizada por meio das produções textuais realizadas, da participação nas discussões em grupo e apresentações e pela produção de uma narrativa em vídeo, considerando o processo de organização para a elaboração, a estrutura do texto, a gravação e edição. Assim, segue-se o passo a passo de como será desenvolvida a oficina com os alunos.

1º ENCONTRO: UMA DOSE DE STORYTELLING

No primeiro encontro com os participantes da pesquisa, será apresentado um QR Code com um questionário produzido no Google Forms, com perguntas sobre rotina de estudos, hábitos de leitura e práticas de escrita para os alunos responderem e, em seguida, será proposta uma atividade para que eles desenvolvam em sala.

As perguntas a serem respondidas pelo Google Forms, a fim de entender o perfil dos alunos em relação ao que será trabalhado na oficina, serão as seguintes:

1. Em uma escala de 1 a 5, em que 1 representa “não tenho interesse” e 5 representa “muito interesse”, qual é o seu nível de interesse pela leitura?

2. Com que frequência você lê por prazer (livros, revistas, etc.) fora do contexto escolar?
3. Como você se sente em relação à sua habilidade de escrever textos (redações, e-mails, mensagens, resumos, etc.)?
4. Você prefere aprender por meio de aulas tradicionais (com professor explicando) ou por métodos mais interativos (vídeos, jogos, atividades práticas)?
5. Você acredita que a leitura de diferentes tipos de textos (literários, jornalísticos, científicos) pode ajudá-lo a entender melhor a realidade em que vive?
6. Você se sente confortável em discutir questões sociais (desigualdade, preconceito, meio ambiente, etc.) em sala de aula?
7. Como você avalia sua capacidade de compreender e interpretar textos sobre questões sociais?
8. Você acha que o uso de tecnologias digitais na sala de aula pode tornar as aulas mais interessantes e dinâmicas?

Camargo e Daros (2018) expressam que as pessoas contam histórias o tempo todo, na escola, com os amigos, com os familiares e em diferentes fases da vida, criança, jovem, adulto, e contam histórias de modo espontâneo e aberto acerca dos acontecimentos da vida. Pensando nisso, propôs-se a atividade a seguir, como uma ideia de exposição de fala dos alunos de algo comum de seus cotidianos e que eles pudessem fazer uso do storytelling espontaneamente.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE PROPOSTA:

Os alunos receberão três envelopes, um de cada cor, dentro dos envelopes haverá enunciados com os seguintes comandos:

- Envelope 1: Pense em um livro, filme ou série que você leu ou assistiu e quando fez isso seu cérebro se encheu de sensações de prazer e alegria. Pensou? Agora abra o envelope 2.
- Envelope 2: Repasse em sua cabeça tudo que você lembra que aconteceu na obra que veio à sua mente. Depois, pegue um papel e anote os pontos principais da obra, como é o início, quais conflitos aparecem, o que não poderia faltar nela e aqueles momentos dos quais você mais se lembra e mais achou interessantes. Quando concluir, abra o envelope três.
- Envelope 3: Agora que você tem várias coisas anotadas sobre a obra escolhida, pense em uma forma legal de apresentá-la aos seus colegas, de maneira que eles compreendam a história que você tanto gosta e até fiquem curiosos em conhecê-la, mas, atenção! Você deve iniciar a apresentação da obra contando como foi que você a conheceu, narre mesmo como aconteceu essa experiência.

Dica: você pode fazer sua apresentação de diversas formas: com ajuda de slides, com um cartaz, com um texto escrito, por meio de uma dramatização... Pense em que tipo de apresentação sobre esse assunto você gostaria de ver e produza a sua.

Ainda nesta aula, os alunos deverão realizar as apresentações, de forma voluntária, isto é, não será imposta nenhuma apresentação. A ideia é deixá-los à vontade para compartilhar suas experiências. O professor pode, inclusive, ser o primeiro a realizar a apresentação, aplicando a dinâmica, e narrando sobre como conheceu uma determinada obra e, em seguida, falar sobre ela. Depois da atividade aplicada, encerra-se este encontro, com os questionários, as anotações e as apresentações para serem analisadas pela pesquisadora.

INTENÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade proposta neste encontro tem como intenção principal estimular a leitura, a reflexão crítica e a expressão oral dos alunos, instigada pelo uso de storytelling — mesmo sem eles saberem que se trata de storytelling o que farão. Ao dividir a atividade em três etapas distintas, cada uma com seu respectivo envelope e comando específico, os alunos são guiados por um processo gradual de reflexão e produção, culminando na apresentação oral de suas experiências socioculturais.

Ao receber o primeiro envelope, os alunos são convidados a refletir sobre uma obra que tenha despertado sensações de prazer e alegria em suas experiências pessoais de leitura ou audiovisual. Esse exercício inicial estimula a memória afetiva e os incentiva a buscar conexões emocionais com a literatura e a cultura audiovisual.

Com o segundo envelope, eles são desafiados a realizar uma análise mais detalhada da obra escolhida, identificando e registrando os principais elementos narrativos, como o enredo, os personagens e os conflitos. Essa etapa estimula o desenvolvimento da habilidade de síntese e a capacidade de expressão escrita dos alunos, ao mesmo tempo em que os encoraja a refletir sobre a estrutura e os elementos essenciais de uma narrativa.

No terceiro envelope, eles são convidados a pensar em uma forma criativa de apresentar a obra aos colegas, compartilhando não apenas os aspectos objetivos da história, mas também suas próprias experiências pessoais de descoberta e envolvimento com a obra. Essa etapa promove a expressão oral e a criatividade dos alunos, permitindo que eles explorem diferentes formas de comunicação e

expressão, como apresentações visuais, dramatizações ou narrações pessoais. A contação de histórias possibilita a atenção das pessoas por um pouco mais de tempo, ao proporcionar um ambiente criativo e colaborativo (CAMARGO; DAROS, 2018). Nesse sentido, o storytelling, utilizado pelos próprios alunos, pode ser uma forma de aprimorar suas apresentações e de prender a atenção dos colegas ao se envolverem nas narrativas contadas.

Dessa forma, acredita-se que a atividade proposta não apenas estimula o desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos, mas também promove o crescimento pessoal, com práticas que podem ser utilizadas fora da escola em outras situações de comunicação, e a construção de relações interpessoais, contribuindo para uma educação mais integral.

2º ENCONTRO: NÓS E NOSSOS REPERTÓRIOS

No início do segundo encontro, os alunos receberão um quarto envelope, dentro dele haverá o comando: Após assistir às apresentações da aula passada, que temáticas sociais você identificou nas falas dos colegas ao comentarem sobre o conteúdo que apresentaram? Anote neste papel, coloque no envelope e devolva à professora.

Com os envelopes entregues, será feita uma roda de discussão sobre as temáticas inscritas neles, a professora retira um papel do envelope, lê que temática tem nele e abre a discussão, pedindo que os alunos comentem, voluntariamente, sobre o que eles pensam acerca do tema em questão.

Em seguida, após a roda de discussão, será explicado brevemente o que é um repertório sociocultural, a pesquisadora utilizará slide

como material de apoio para a explicação. Após esse momento, os alunos devem ser divididos em grupos – escolhidos por eles mesmos, mas com o cuidado de não ficar ninguém sem grupo.

Cada grupo receberá um texto explicando diversos tipos de repertórios (alusão histórica, uso de filmes, de séries, de livros, de músicas e de posts de rede social) e como usá-los em textos argumentativos e explicativos. Cada grupo deve ler, grifar e discutir sobre o texto e depois produzir duas atividades, uma de forma escrita e outra de forma oral.

A atividade escrita consistirá em escolher uma temática social que o grupo ache relevante e desenvolver um texto argumentativo — um comentário crítico, gênero já estudado no 9º ano — curto (entre 10 e 15 linhas) sobre a temática escolhida utilizando o repertório sociocultural presente no texto recebido por eles para iniciar a argumentação. Por exemplo, o grupo que receber um texto explicando o porquê de a música ser um exemplo de repertório sociocultural e como utilizá-la nesse sentido em textos argumentativos, deverá:

- I. Escolher uma temática social de interesse do grupo.
- II. Escolher uma música que se relacione com o tema escolhido e que possa ser usada como repertório para iniciar o texto.
- III. Produzir o texto.

A atividade oral consistirá em uma apresentação, o grupo deverá se organizar para apresentar o que entenderam sobre o texto lido e realizar a leitura do texto produzido para a turma. Nesse momento, é importante explicitar que não é necessário que todos do grupo apresentem, mas o que se sentirem mais à vontade. A apresentação deve ser iniciada com uma história de como é a relação do grupo

com a música (no caso do exemplo mencionado), eles podem relatar como construíram seus gostos musicais e depois falar sobre o texto recebido e estudado. O mesmo comando deverá ser dado aos outros grupos, para iniciarem sempre contando a relação do grupo com o tipo de repertório recebido.

INTENÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade proposta foi pensada de acordo com as ideias de Bacich e Moran (2018), os quais afirmam que do ponto de vista do aluno é importante que haja um movimento de construção de elementos que façam sentido para eles e, assim, os motivem a aprender. Ainda segundo os autores, do ponto de vista dos educadores, é preciso o movimento de ir ao encontro das necessidades e interesses dos alunos. Pensando nisso, elaborou-se essa atividade, a qual oferece aos alunos explorarem a possibilidade de debaterem temáticas sociais relevantes de seus pontos de vista, enquanto desenvolvem habilidades de escrita argumentativa e expressão oral.

Ao seguir uma série de etapas estruturadas, eles são incentivados a refletir sobre suas próprias percepções das apresentações anteriores, discutir em grupo sobre repertórios socioculturais e aplicá-los na produção de textos argumentativos e na realização de apresentações orais. É válido ressaltar que mesmo com textos argumentativos, o uso dos repertórios no texto acontece por meio de storytelling, o aluno precisa narrar a circunstância presente no repertório para iniciar a discussão.

Ao receberem textos explicativos sobre diferentes tipos de repertórios socioculturais, analisarem os principais pontos e refletirem sobre como esses repertórios podem ser utilizados em textos

argumentativos e a partir da escolha de uma temática social de interesse e produção de um texto argumentativo curto, utilizando um repertório sociocultural relevante como ponto de partida para a argumentação, é possível desenvolver as habilidades de escrita argumentativa e a aplicação prática do conceito de repertório sociocultural.

Além da produção escrita, cada grupo realiza uma apresentação oral, em que devem compartilhar suas reflexões sobre o texto estudado, a temática escolhida e a relação do grupo com o repertório sociocultural selecionado. Concordando com Bacich e Moran (2018), que expressam sobre a importância das discussões com participação ativa dos estudantes, de modo que eles mesmos compartilhem sua compreensão de temas, entende-se que essa etapa da atividade pode promover o desenvolvimento da expressão oral e da capacidade de comunicação dos alunos, além de oferecer uma oportunidade para praticarem a articulação de ideias em público, sempre fazendo o uso do storytelling para iniciar suas apresentações como forma de conquistar a atenção do público, neste caso, os próprios colegas, e compartilharem seus saberes e compreensões adquiridas por seus esforços próprios.

3º ENCONTRO: NOSSAS IDEIAS

Segundo Tarja *et al.* (2021), é preciso auxiliar o estudante a desenvolver competências transversais e uma das formas de se realizar isso é com o aluno desenvolvendo habilidades necessárias para uma comunicação clara e assertiva, necessária ao executar um projeto ou ação. Sendo assim, no terceiro encontro, é proposto que os alunos iniciem a produção do trabalho de conclusão da oficina, o TCO, que consistirá na seguinte tarefa:

- Será solicitado que os alunos pensem nos assuntos os quais eles gostam de discutir, que temáticas sociais são importantes para eles, sobre o que eles acham que é necessário ter uma discussão mais recorrente na sociedade, pode, inclusive, ser os mesmos temas que eles pensaram no encontro anterior.
- Após refletir sobre isso, devem escrever em um papel uma temática das que pensaram, dobrar o papel e colocar em uma caixinha disponibilizada pela pesquisadora.
- Serão colocados no quadro branco os temas sugeridos pelos alunos e será explicado que, em duplas, deverão escolher um tema para nortear o trabalho de conclusão da oficina.
- Após a escolha do tema, cada dupla deve anotar tópicos do que já sabem sobre a temática e depois pesquisar e anotar mais informações.
- Com esses conhecimentos anotados, deverão pensar em uma história, uma narrativa (storytelling), que apresente a temática escolhida para um público geral, ou seja, uma história de conscientização popular.
- Depois de seguirem esses passos, além de escrever a narrativa, as duplas devem animá-las, utilizando o Canva ou Animated Drawings ou Capcut para criar personagens e cenários, animar vídeos com cenários criados por desenho em sala ou até mesmo eles serem os atores no vídeo.
- Eles deverão imaginar que esses vídeos serão divulgados para a população, como uma campanha nacional. Poderão também realizar essa tarefa de forma manual, produzindo uma história em quadrinhos no papel.

Ainda neste encontro, após explicada a proposta do trabalho, será mostrado a eles como fazer uso das plataformas Canva, Capcut e Animated Drawings, caso seja necessário.

INTENÇÃO DA ATIVIDADE

A atividade começa incentivando os alunos a refletirem sobre assuntos que são importantes para eles e para a sociedade. De acordo com Tarja *et al.* (2021), ao se colocar o aluno como elemento central dos processos de aprendizagem, faz com que eles questionem e experimentem ideias diferentes, possibilitando uma aprendizagem mais ampla e profunda.

Assim, nessa atividade, esse processo de reflexão estimula a criatividade e a expressão pessoal, permitindo que os alunos identifiquem suas próprias opiniões e preocupações. Posteriormente, ao escolherem um tema para o trabalho, precisam considerar diferentes perspectivas e aspectos do assunto. Isso promove o pensamento crítico, ajudando-os a analisar problemas sociais de forma mais profunda e a desenvolver pontos de vista informados e bem fundamentados, e com a prática da pesquisa sobre o tema selecionado podem desenvolver o aprendizado autônomo.

A parte central do trabalho envolve a criação de uma narrativa que aborde a temática escolhida. Esse processo não apenas aprimora as habilidades de escrita dos alunos, mas também os desafia a comunicar ideias complexas de forma clara e envolvente, desenvolvendo assim suas habilidades de comunicação oral e escrita, com o uso do storytelling como base para o desenvolvimento da tarefa. Além disso, ao utilizar ferramentas como Canva, Capcut e Animated Drawings, eles têm a oportunidade de explorar o potencial da tecnologia na criação

de conteúdo multimídia. Isso os familiariza com ferramentas digitais úteis para a criação de apresentações visuais e vídeos, expandindo suas habilidades técnicas e sua compreensão do mundo digital.

Ademais, como a atividade deve ser realizada em duplas, isso pode incentivar a colaboração entre pares, compartilhando ideias e dividindo demandas, o que desenvolve habilidades interpessoais, como comunicação, resolução de conflitos e trabalho em conjunto a fim de alcançar objetivos comuns. Isso se relaciona com os estudos de Camargo e Daros (2018), os quais demonstram que os alunos desenvolvem mais competências e habilidades e adquirem mais conhecimento por meio de práticas interativas e colaborativas.

Portanto, com essa atividade, acredita-se que, ao criar uma história de conscientização popular sobre o tema escolhido, os estudantes são desafiados a pensar em maneiras de transmitir mensagens importantes para a sociedade de forma eficaz. Isso os ajuda a desenvolver empatia e consciência social, capacitando-os para se tornarem agentes de mudança em suas comunidades, além de se criar um produto concreto elaborado por eles.

4º ENCONTRO: HISTÓRIAS, NOSSAS HISTÓRIAS

No último encontro, os estudantes deverão realizar as apresentações dos vídeos e/ou histórias em quadrinhos produzidos no encontro anterior. Cada dupla terá cinco minutos para se apresentar. Ao fim de todas as apresentações, será aberta uma discussão para que eles comentem como foi a experiência de produzir a atividade e o que acharam do resultado.

Em seguida, cada aluno deverá responder a dois questionários, um com questões discursivas e outro com questões objetivas,

acerca da atividade e da participação na pesquisa. O objetivo desses questionários é avaliar se os alunos percebem mudanças positivas ou não no desenvolvimento de suas práticas de leitura e de escrita, se o desenvolvimento da oficina, a forma como foi conduzida foi satisfatória ou não.

INTENÇÃO DA ATIVIDADE

Finaliza-se a oficina com essa atividade. Partindo das ideias de Kock (2011), a qual expressa que pelas relações interpessoais que se estabelecem no momento de uma enunciação, os falantes e ouvintes atualizam suas intenções comunicativas. Nesse sentido, a prática de se discutir em sala de aula, de alunos poderem expressar por meio da fala seus pensamentos e posicionamentos, implica em um desenvolvimento da percepção das intenções comunicativas de suas falas e das de seus colegas.

Sendo assim, ao apresentar seus vídeos e/ou histórias em quadrinhos para a turma, os alunos praticam habilidades de comunicação oral, articulam suas ideias de forma clara e convincente, adaptando sua linguagem e estilo de acordo com o público-alvo. Ademais, a experiência de apresentação em público ajuda a reduzir a ansiedade e a desenvolver confiança ao se expressar.

Além disso, a produção de vídeos e histórias em quadrinhos incentiva os estudantes a explorarem sua criatividade e expressarem suas ideias de forma visual e narrativa. Eles têm a oportunidade de experimentar diferentes formas de contar uma história, utilizando elementos como texto, imagens, diálogos e música para transmitir sua mensagem. Também praticam habilidades de escrita, incluindo organização de ideias, estrutura narrativa, desenvolvimento de

personagens e diálogos. Ademais, ao assistir aos vídeos e ler as histórias produzidas por seus colegas, eles exercitam suas habilidades de leitura, interpretando e analisando diferentes textos.

Após as apresentações, os alunos têm a oportunidade de refletir sobre sua própria experiência na atividade. Eles podem avaliar o processo de produção, identificar desafios enfrentados e estratégias bem-sucedidas utilizadas, e pensar em maneiras de melhorar no futuro. Esse exercício de autoavaliação pode promover o desenvolvimento de habilidades de autorregulação.

Por fim, os questionários de avaliação fornecem aos alunos a oportunidade de oferecer feedback sobre a atividade e a pesquisa em si. Eles podem expressar suas opiniões sobre o formato da oficina, a eficácia das instruções fornecidas, a utilidade dos materiais de apoio e outros aspectos relevantes. Além disso, ao responder a questões discursivas, os alunos praticam a articulação de argumentos e a justificativa de suas opiniões. Nesse sentido, a atividade proposta tem a intenção de oferecer uma abordagem integrada e prática para o desenvolvimento de habilidades de comunicação, criatividade, escrita, leitura e reflexão crítica. Ao envolver os alunos em um processo ativo de produção e apresentação.

AVALIAÇÃO

A avaliação ocorrerá de forma contínua, observando a participação e o engajamento dos alunos nas atividades propostas, percebendo neles a capacidade de estimular o pensamento e a formação de opinião, a habilidade de desenvolver histórias faladas e escritas após comandos específicos e de organização em grupo para criação de ideias. Além disso, serão analisadas as

produções textuais realizadas, percebendo o entendimento dos enunciados e cumprimento das propostas e, assim, se aplicaram os conhecimentos adquiridos.

PREPARATIVOS PARA A APLICAÇÃO DA OFICINA

Verificou-se os espaços que a escola dispõe e os recursos que poderão ser utilizados para uso na oficina, será necessário apenas quadro branco e projetor multimídia. Computador, marcador de quadro e atividades impressas serão de recursos próprios da pesquisadora. Antes da aplicação da oficina na escola, mesmo com autorização, mediante documento assinado, da instituição, será necessário entregar aos alunos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de autorização de uso de voz e imagem para que os pais ou responsáveis assinem. O início da oficina só ocorrerá após o recolhimento dos documentos assinados.

RESULTADOS ESPERADOS

Dentre os resultados aguardados por esta oficina, espera-se que os alunos desenvolvam um maior interesse em interpretar textos, associando-os com a realidade em que vivem e, consequentemente, melhorem sua habilidade de compreensão e interpretação de textos diversos.

Como os estudantes serão encorajados a criarem seus próprios textos — tanto escritos quanto falados —, exercitando a criatividade, espera-se que eles se sintam mais confiantes em expressar suas ideias e pensamentos por meio da escrita e da oralidade.

Espera-se, além disso, que eles desenvolvam as habilidades de socialização, com os trabalhos em equipe, os quais podem motivar o respeito pelas opiniões dos colegas.

Desse modo, ao fim da oficina, espera-se que os alunos tenham experimentado uma abordagem envolvente para motivar a leitura e a escrita, com um impacto positivo em sua rotina de estudo e que a utilização da metodologia storytelling possibilite melhoras significativas na qualidade de leitura e escrita dos estudantes. Mesmo com pouco tempo de aplicação, que possa ser uma metodologia que entregue aprendizados que os alunos possam continuar usufruindo e, posteriormente, a proposta chegue a outros públicos e o uso da metodologia sugerida seja uma aliada constante do ensino de leitura e escrita na escola.

CONCLUSÃO

O presente artigo propôs o uso de uma metodologia inovadora, com o uso de storytelling a fim de melhorar as práticas de leitura e de escrita de alunos do Ensino Fundamental, Anos Finais.

Desse modo, ao adotar essa metodologia, a qual representa uma ruptura com os métodos tradicionais de ensino, oferecendo uma abordagem mais dinâmica e envolvente para o processo de aprendizagem, pensa-se em uma busca por transformar positivamente o panorama educacional, possivelmente promovendo mudanças tangíveis e sustentáveis no campo social.

Nesse sentido, a proposta da oficina tem o intuito de promover não apenas o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos alunos, mas também de estimular a criatividade, a expressão individual e a compreensão do mundo ao seu redor. Por meio do storytelling, os estudantes são incentivados a explorar diferentes perspectivas e a construir narrativas próprias. Portanto, acredita-se que a adoção dessa abordagem inovadora pode transformar a experiência de

aprendizagem dos estudantes e contribuir para uma educação mais inclusiva, participativa e centrada no aluno, capaz de prepará-lo para os desafios e oportunidades do século XXI.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- AUSUBEL, David. P. Aquisição e retenção de conhecimentos: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Paralelo Editora LDA, 2003.
- BACICH, Lilian; MORAN, José. *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso Editora, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1995.
- BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade. In: *Critical inquiry*, v. 18, 1991.
- CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. (2018). *A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo*. Porto Alegre: Penso Editora, 2021.
- EDIFY (Brasil). Storytelling nas escolas. In: *Storytelling nas escolas*. Brasil, 24 set. 2019. Disponível em: https://www.edifyeducation.com.br/blog/storytelling-nas-escolas/?utm_source=google&utm_medium=cpc&utm_campaign=blog_dsa&gad=1&gclid=CjwKCAjwrpOiBhBVEiwa_473dNEooiqzkiDRL-gXnR-KP00UdcU64ii4fJzYa6FFqz-bDOlLcLe_EBOCctEQAvD_BwE. Acesso em: 23 abr. 2023.
- FIDALGO-BLANCO, Ángel; SEIN-ECHALUCE, Maria Luisa; GARCÍA-PEÑALVO, Francisco J. Impact indicators of educational innovations based on active methodologies. In: *Proceedings of the Seventh International Conference on Technological Ecosystems for Enhancing Multiculturality*, p. 763-769, 2019.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da pesquisa-ação. In: *Educação e pesquisa*, n. 3, v. 31, p. 483-502, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/DRq7QzKG6Mth8hrFjRm43vF/?lang=pt>. Acesso em: 23 abr. 2023.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*. 23.ed. São Paulo, 1989.

INEP (Brasil). *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

JENKINS, Henry. Transmedia storytelling and entertainment: An annotated syllabus. In: *Continuum*, n. 6, v. 24, p. 943-958, 2010.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 13.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: Estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto, 2018.

LANDRUM, R. Eric; BRAKKE, Karen; MCCARTHY, Maureen A. The pedagogical power of storytelling. In: *Scholarship of Teaching and Learning in Psychology*, n. 3, v. 5, p. 247, 2019.

MOYA, Emilio Crisol. Using Active Methodologies: The Student's View. In: *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 237, p. 672-677, 2017.

MORAN, José Manuel. *A Educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá*. 5.ed. Campinas: Papirus, 2013.

RELVAS, Marta Pires. *Neurociência na prática pedagógica*. Digitaliza Conteúdo, 2012.

SAEB (Brasil). Sistema de Avaliação da Educação Básica. 2023. Disponível em: <http://saeb.inep.gov.br/saeb/>. Acesso em: 03 nov. 2023.

SCOLARI, Carlos A.; RODRÍGUEZ, Nohemi Lugo; MASANET, María-José.

Transmedia Education. From the contents generated by the users to the contents generated by the students. In: *Revista Latina de Comunicación Social*, n. 74, p. 116-132, 2019.

THIOLLENT, M. (2011). *Metodologia da pesquisa-ação*. 18.ed. São Paulo: Cortez, 2018.

VAN GILS, Frank. *Potential applications of digital storytelling in education*. In: *3rd twente student conference on IT*, 2005.

VYGOTSKY, Lev S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.